

informe econômico

ISSN 1517-6258

Publicação do Curso de Ciências Econômicas/UFPI Ano 16, n. 33 dezembro 2014

SUMÁRIO

3 Crise global e o novo ataque aos direitos sociais: a latino-americanização da Europa?

Samuel Costa Filho

12 Desigualdade social: uma trajetória de insistência

Francisco Mesquita de Oliveira

23 Classe trabalhadora e espaço urbano: o surgimento do bairro Vila Operária em Teresina (PI) (1928-1950)

José Maurício M. dos Santos e Solimar Oliveira Lima

28 Os (des)caminhos da associação interfederativa: o caso do Consórcio Regional de Saneamento do Sul do Piauí

João Soares da Silva Filho e Jaira Maria Alcobaça Gomes

36 O impacto da reputação na avaliação da qualidade percebida do serviço: uma proposta analítica para empresas de consultoria empresarial

Christian Bischof dos Santos, Cristiano Molinari Bispo, Heitor Takashi Kato e Tomas Sparano Martins

42 O mundo pós-queda do Muro de Berlim

Zilneide de Oliveira Ferreira

47 Interno e Internacional: fronteiras, continuidades ou semelhanças? Notas sobre Gramsci e Waltz relacionadas ao Terceiro Debate Teórico em Relações Internacionais

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos

55 População adulta e situação de rua no município do Rio de Janeiro: as políticas públicas e os serviços sociais

Irene Serafino

62 A nova cena da AIDS: um panorama atual que se comunica sobre a doença no Brasil

Maria Helena Almeida Oliveira e Francisco de Oliveira Barros Junior

70 Os intelectuais dos anos 1950 e os rumos da educação no Brasil

Diana Patricia Ferreira de Santana

74 Os dispositivos disciplinares e a normalização das sociedades modernas segundo Michel Foucault

Rosilene Maria Alves Pereira

EDITORIAL

O texto que segue como editorial, elaborado pelo nosso colaborador professor Fonseca Neto, reforça a linha desta publicação na leitura crítica das realidades sociais, a exemplo dos artigos apresentados nesta edição.

Boa leitura!

NORDESTINADOS

A transmutação que evidencia historicamente a formação social brasileira, em sua estruturação, reagregou sob este trópico elementos componentes de mundos diversos, havidos de fluxos de culturas e riquezas que se expandiam, mobilizadas, inclusive, pelas energias mentais e materiais geradas pelas impulsões da chamada “revolução copernicana”. Expansão dinamizada pela atividade mercantil.

O surgimento nesta margem do Atlântico de uma vasta zona de ocupação, pelo labor econômico, implicou a organização de um aparato de macro exploração de caráter colonial-predador, operando um espaço natural quase intocado, expressão genuína do viver humano primitivo. Para os europeus que forçavam então a abertura das cortinas de um mundo que lhes parecia um maná de riquezas mil, logo este imenso país palmeirinho se transformaria numa fronteira das mais promissoras donde extrair ditas riquezas. Como se sabe, ante o olhar ganancioso do invasor, o corpo dos habitantes e sua força laboral constituíram um dos primeiros “bens” a amealhar.

O país objetado nessa narrativa seria apelidado décadas e séculos depois de Brasil e na constituição de suas territorialidades particulares as áreas dos primeiros contatos e engendrações da ordem econômica e social passariam a ser chamadas de Nordeste, Bahia, Pernambuco e Maranhão, e suas cidades-cabeça, os seus eixos ordenadores estruturantes.

O que no último século se “inventou” como região Nordeste do Brasil, nos quatro séculos antecedentes, constituiria parte da banda norte da América euro-portuguesa. Região social e historicamente formada pela fixação de um sistema econômico estabelecido em unidades produtivas monoculturais movidas pelo trabalho escravo. Mas como falar-se e ter-se trabalho escravo em plena era da constituição e expansão do sistema do capital e sob a regência do motor mercantilista que afetava toda a dinâmica produtiva colonial? Concitamos à volta das leituras necessárias de Eric Williams, por exemplo, em seu *Capitalismo & Escravidão*, e também Fernando Antonio Novais, em *Estrutura e Dinâmica do Antigo Sistema Colonial*.

O Nordeste do Brasil de hoje é um campo depredado desses séculos de exploração colonial-mercantil-escravista. A despontualização de suas riquezas essenciais, no centro de tudo as terras, a mata atlântica, as águas, o sangue dos seus nativos, muito foi extraído em proveito das acumulações necessárias ao referido sistema do capital, que logo passaria do estágio mercantil do capital para o industrial. O Nordeste do Brasil que o grosso do “capital” sul-sudestino de hoje amaldiçoa é um campo das devastações entre os muitos que exemplificam os lugares de onde se tirou os materiais construtivos dos pórticos da Era do Capital.

Quando no alvorecer do Oitocentos encaminhou seu processo de autarquização estatal-nacional, o Brasil protagonizou o deslocamento de seu centro econômico interno, entrando o Norte/Nordeste (e ficando) numa condição de estagnação e de espaço esvaziado de iniciativas que insinuassem o que se chama de progresso material-social. Nesse espaço, porém, ficaram, e insistiram, espaços citadinos fragilizados e campos de lavras e de criatório gadeiro movendo a economia ao nível da manutenção do imperativo de subsistência de sua gente. No plano mais geral do ordenamento da sociedade, um espaço articulado por cultura e forma políticas que viçam no atraso. Como se nota, nada que se possa ter como determinação das forças cogentes do meio físico natural, do corpo social etnicamente considerado ou de um atavismo qualquer.

Decorrente da percepção de decadência em face desses deslocamentos dos lugares de produção social das riquezas é que são infundidas as leituras do Nordeste como espaço de miséria e de todas as formas de violência a esta associados. A perversão preconceituosa contra nordestinos emana de um vexo da cultura de classes nutrida nessas outras regiões e carregada de violência para além de simbólica.

O Nordeste do Brasil está engendrando uma conjuntura que já o inscreve nos marcos de retomadas significativas no caminho da reinserção de sua gente na elaboração do destino brasileiro.

Fonseca Neto

Historiador, professor do Departamento de Geografia e História/UFPI, Doutor em Políticas Públicas/UFMA.

Expediente

INFORME ECONÔMICO

Ano 16 - n. 33 - dezembro 2014

Reitor UFPI: Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-Reitora: Prof. Dra. Nadir do Nascimento Nogueira

Diretor CCHL: Prof. Dr. Nelson Juliano Cardoso Matos

Chefe DECON: Prof. Esp. Luiz Carlos Rodrigues Cruz Puscas

Coord. Curso Economia: Prof. Dra. Edivane de Sousa Lima

Revisão: Zilneide O. Ferreira e João Paulo Santos Mourão

Projeto gráfico: Prof. Ms. Neulza Bangoim(CEUT)

Jornalista responsável: Prof. Dr. Laerte Magalhães(UFPI)

Endereço para correspondência: Campus Ininga

Teresina-PI - CEP: 64.049-550

Fone: (86)3215-5788/5789/5790-Fax: (86)3215-5697

Tiragem: 600 exemplares

Impressão: Gráfica-UFPI

Parceria: Conselho Regional de Economia 22ª Região-PI

Site DECON: <http://www.ufpi.br/economia>.

Editor-chefe: Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima

Editor-assistente: Economista Esp. Enoisa Veras

Conselho Editorial: Prof. Dr. Aécio Alves de Oliveira(UFC)

Prof. Dr. Alvaro Bianchi(Unicamp)

Prof. Dr. Alvaro Sánchez Bravo (Universidad de Sevilla-Espanha)

Prof. Dr. Anna Maria D'Ottavi(Università degli Studi Roma

TER-Itália)

Prof. Dr. André Turmel(Université Laval-Canadá)

Prof. Dr. Antônio Carlos de Andrade (UFPI)

Prof. Dr. José Machado Pais (Universidade de Lisboa-Portugal)

Prof. Dr. Leandro de Oliveira Galastri(Unicamp)

Prof. Esp. Luis Carlos Rodrigues Cruz Puscas(UFPI)

Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Lira Monteiro(UFPI)

Prof.ª Dra. Maria Elizabeth Duarte Silvestre (UFPI)

Prof. Dr. Marcos Del Roio(Unesp)

Prof. Dr. Marcos Cordeiro Pires(Unesp)

Prof. Dr. Mário José Maestri Filho(UPF)

Prof. Dr. Manoel Domingos Neto(UFC)

Prof. Dr. Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos(Unesp)

Prof. Dr. Samuel Costa Filho(UFPI)

Prof. Dr. Sérgio Soares Braga (UFPR)

Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima(UFPI)

Prof. Dr. Vitor de Athayde Couto(UFBA)

Prof. Dr. Wilson Cano(Unicamp)

Econ. Ms. Zilneide O. Ferreira

